

## **(re)Desenhar no coração da cidade**

Projecto de Requalificação Urbanística do Largo do Toural, Alameda  
de S. Dâmaso e Rua de Santo António

Maria Manuel Oliveira

Arquiteta (ESBAP, 1985), Doutoramento (EAUM, 2007), Escola de  
Arquitectura da Universidade do Minho

[mmoliv@arquitectura.uminho.pt](mailto:mmoliv@arquitectura.uminho.pt)

## Abstract

With a long history dating back to the 10th Century, Guimarães witnessed the recognition of its historical centre as World Heritage Site in 2001. It has since become a popular international destination for cultural tourism, resulting in an exponential increase in the number of visitors to Guimarães. It is hoped that the number of tourists will reach its peak in 2012, the year that Guimarães is the European Capital of Culture. Within this context, alongside the intense cultural activity, a number of urban interventions will be carried out, involving individual buildings and public space.

This article presents an urban renewal plan related to a significant area of the town centre, which expresses the polarities of the program and the design – patrimony and museology, memory and tradition, the quotidian and the transient. The plan also expresses the conceptual paradigm pertaining to the interpretation of the significance of public space within the contemporary urban context.

Key words: urban (re)design, public space, memory, patrimony, contemporary

## Resumo

Com uma longa história urbana que remonta ao século X a cidade de Guimarães viu, em 2001, o reconhecimento do seu Centro Histórico como Património Mundial da Humanidade. A partir desta inscrição nos roteiros internacionais do turismo cultural o número de visitantes a Guimarães cresceu exponencialmente. A sua condição de cidade amplamente visitada atingirá, espera-se, um pico extraordinário em 2012, ano em que será Capital Europeia da Cultura. É neste contexto que, a par de uma intensa actividade cultural, será realizado um conjunto de intervenções urbanas que abrange edifícios singulares e espaço público, obras que a cidade vinha reclamando já há algum tempo.

Este artigo apresenta o projecto de requalificação urbana de uma significativa área central da cidade, o qual traduz não só as polaridades em que se moveram o *programa* e o *desenho* – património e musealização; memória e tradição; quotidiano e

sazonal – como o paradigma conceptual que o fundamentou quanto ao significado do espaço público na condição urbana contemporânea.

Palavras-chave: (re)desenho urbano; espaço público; memória; património; contemporaneidade

## **(re)Desenhar no coração da cidade**

Com uma longa e densa história que remonta a período anterior à fundação da nacionalidade - ao século X recuam as decisões da condessa Mumadona Dias que ao estabelecer um mosteiro dúplice à cota baixa e fundar um castelo numa colina próxima, definiu o embrião espacial que marcaria a história urbana dos mil anos seguintes – a cidade de Guimarães viu o admirável ambiente urbano do seu Centro Histórico consagrado com a designação de Património Mundial da Humanidade (Unesco, 2001).

A partir da sua inscrição nos roteiros internacionais do turismo cultural, o número de visitantes a Guimarães intensificou-se exponencialmente. Esta condição de cidade amplamente visitada – e a sua reduzida dimensão física torna a presença turística muito expressiva – atingirá um pico extraordinário em 2012, ano em que Guimarães será Capital Europeia da Cultura. É no contexto da programação da CEC 2012 que, a par de uma intensa actividade cultural, será realizado um conjunto de intervenções urbanas que se traduz em obras de diversa natureza, abrangendo quer edifícios singulares, quer a requalificação de espaço público.

Este artigo apresenta o projecto de requalificação urbana de uma significativa área central da cidade, elaborado no Centro de Estudos da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho. Projecto encomendado pela Câmara Municipal de Guimarães, a sua elaboração contou com uma vasta equipa técnica nas áreas da Arquitectura e da Engenharia e com assessorias nas especialidades da História da Arquitectura e da Cidade, da Circulação e Transportes, do Ambiente Pedonal e da Conservação e Trasladação de Fontes e Cruzeiro. O seu acompanhamento continuado ao projecto permitiu, num esforço de compatibilização crítica, articular os vários objectivos disciplinares na síntese arquitectónica e urbanística que o desenho traduz.

## Δ

Elaborado a propósito de uma exigência de requalificação espacial em que o turismo se apresenta como factor determinante, o desenvolvimento do Projecto colocou em evidência muitas das questões que se colocam actualmente no âmbito da intervenção em espaço público, explicitando não só as polaridades em que se moveram o *programa* e o *desenho* – uso quotidiano *versus* sazonal; reinterpretação do património *versus* musealização; memória em construção *versus* tradição –, como o paradigma conceptual que o fundamentou, relativo ao significado do espaço público na condição urbana contemporânea.

A cada vez mais intensiva dependência económica das cidades *patrimoniais* do fenómeno do turismo, levanta problemas de ordem múltipla – pela escala avassaladora do número de visitantes e pela distorção que essa *invasão* provoca no quotidiano citadino – que, no limite, confrontam o seu *genius loci* e colocam em risco a natureza essencial do seu *ser habitado*. Identidade, história e memória são categorias em discussão, no sentido de compreender se funcionam como fetiche a que a sociedade recorre para se instalar num cenário que lhe confere *glamour*, se referencial imprescindível à construção identitária dos cidadãos vinculados a um particular tecido urbano.

Falamos de memória e de consumo – e de consumo da memória. Num período de nítida obsessão patrimonialista (Françoise Choay explicita-o muito claramente quando refere a vocação narcísica dessa síndrome) e em que a indústria turística adquiriu uma importância desmedida, torna-se difícil separar os dois conceitos. Dos emblemáticos centros históricos europeus às novas cidades asiáticas, história, património, memória e consumo confundem-se progressivamente, submetidos à lógica de uma economia mundializada. Repositório de gerações incontáveis, as cidades mais antigas orgulham-se da sua história – e frequentemente musealizam-se, fabricando imagens idealizadas e anacrónicas – e as cidades recentes constroem parques temáticos, disneylândias periféricas onde instalam míticos ícones civilizacionais.

No nosso entender será fundamental à urbe, para sustentar o seu papel de *cidade íntegra* - ‘city air makes man free’ (Max Weber, 1921) – reagir positivamente à contemporaneidade,

interpretando o seu legado patrimonial e o seu espaço público em função de um desígnio *aberto* à re-significação. Resistindo à fabricação de simulacros destinados ao *voyeurismo* do turismo de massas, parece indispensável que o recurso à história inverta a tendência actual para a utilizar como memória retroactiva (fechada, taxionómica, petrificada) e assuma a sua vertente de memória em construção, suporte a referenciais urbanos que permitam à comunidade que a habita reflectir-se e pensar-se, enquanto entidade singular em interacção com o *Outro*.

Corroborando este olhar, a objectivação programática que escorou o projecto aqui exposto, atribuiu à história um papel essencial na interpretação do devir da cidade – um *locus* da memória colectiva, conforme Aldo Rossi - acreditando na sua construção biográfica permanente e entendendo a cidade histórica como uma ocorrência intrínseca a essa identidade. Nesse sentido, e presumindo que o espaço público pode funcionar como lugar de encontro e contacto, indispensável ao reconhecimento mútuo, o *desenho* procurou incorporar a realidade de uma forte presença turística que se sabe indispensável à economia local, sem no entanto dela se tornar refém.

Defendeu assim o Projecto, o propósito de que o espaço público considerasse alteridade e integração, admitindo diferentes níveis de miscigenação, indicadores de uma urbanidade cada vez mais multicultural e multi-racial. À esfera do espaço público – espaço relevante socialmente, palco de coabitações diversas e tensas, condição acelerada agora por mobilidades extensivas e intensivas -, caberá, por excelência, acolher essa *expressão da diferença*, assumindo-se como *ágora* partilhada e cosmopolita.

## **O Projecto de Requalificação Urbanística do Largo do Toural, Alameda de S. Dâmaso e Rua de Santo António**

A Alameda de S. Dâmaso, a Praça do Toural e a Rua de Santo António constituem uma sequência de áreas dispostas em *enfilade* ao longo da ferradura correspondente à implantação da muralha medieval, conformando um importante segmento do espaço intersticial entre o Centro Histórico e as zonas que ao longo dos séculos se têm vindo a estabelecer extra-muros. O seu projecto de

requalificação procurou os fundamentos numa interpretação actual e *acertada* do lugar, ancorando a proposta de transformação na espessura da temporalidade longa que lhe é subjacente. O desenho sedimentou-se, assim, considerando temas da urbanidade contemporânea e significados incorporados na memória colectiva que se não desejam perder, antes se pretendem enriquecidos por novas apropriações do espaço.



Fig.1 – Imagem aérea de Guimarães (com representação do Projecto): A-Centro Histórico; B-Castelo; 1-Rua de Santo António; 2-Praça do Toural; 3-Alameda de São Dâmaso; 4- Convento de S. Francisco.

Incidindo sobre o espaço público aberto – e considerando as massas de edifícios que o delimitam como uma manifestação geológica urbana, ‘hard factor’ (Vogt, 2010) morfológico não sujeito a intervenção – a proposta desenha o *chão*, interpretando-o na sua

projecto tridimensional e atribuindo àquele que o *habita* (nos vários papéis que assume, entre o uso pragmático e o lúdico) um papel fulcral na determinação da ambiência espacial.

Ao abranger uma área com cerca de 38.000m<sup>2</sup> o impacto do projecto é necessariamente elevado, mais ainda na medida em que lida com espaço público localizado no centro da cidade e contempla espaços morfológica e funcionalmente diversos, que incluem uma rua de grande importância comercial, uma praça com enorme significado urbano, uma extensa área arborizada e um importante conjunto religioso.

Caracterizando esta díspar circunstância morfológica e profundamente relacionados com as vivências cidadinas, encontramos elementos arquitectónicos notáveis de que se destaca a muralha<sup>1</sup> - eloquente limite que foi entre dois universos cujas fronteiras, esbatidas, se mantêm no entanto sensíveis -, a fachada *pombalina* do Toural, o convento de S. Francisco e, ainda, um significativo espólio vegetal. Centrais à espacialidade da área em estudo, exigiram repensar a forma como se incorporam na memória e na simbólica urbana, no sentido da sua adequação à actualidade sem se deixar confundir pela prevalência das tradições dominantes.

Foram também vários os temas de natureza funcional que se mostraram de evidente pertinência para a clarificação das intenções que informaram o projecto:

Se as redes infraestruturais se encontravam relativamente obsoletas, tendo sido necessária a sua revisão e actualização, a circulação viária revelava graves e múltiplos problemas: ausência de hierarquização dos fluxos, trânsito de atravessamento no centro da cidade, estacionamento desregulado, transportes públicos transformados em poluentes barreiras visuais e obstáculo à circulação pedonal. Todas estas questões se condensavam, *grosso modo*, numa muito deficiente situação do transporte público e num manifesto excesso de área atribuído à circulação motorizada. A mobilidade dos peões via-se, assim, seriamente prejudicada, exigindo uma regulação rigorosa do território viário.

Perante esta circunstância, a estrutura funcional das superfícies atribuídas à circulação motorizada, associada à melhoria das condições espaciais de suporte ao sistema de transportes públicos, em conjunto com a qualificação do espaço pedonal,

constituíram-se como temas estruturantes na concepção do Projecto e um dos aspectos-chave da solução adoptada.

Argumentando a condição contemporânea do espaço público, incorporando as vertentes de representação simbólica e apropriação funcional e reconhecendo a sua radicação na trajectória histórica do sítio, o Projecto desenvolveu-se centrado nos conceitos de a *Rua*, a *Praça* e o *Bosque*, a que acrescentou um *Terreiro*.

### **A Praça**

Desde a sua formação medieval como largo exterior à muralha, a Praça do Toural constituiu-se como um especial momento de recepção da cidade que se vem adaptando aos tempos e aos usos coetâneos e afirmado enquanto expressão da contemporaneidade de Guimarães. Ao longo dos séculos, transitou de terreiro (com práticas de feira, mercado, tourada) para praça, tornando-se num espaço que se pretendia urbano e expressivo de uma modernidade não reconhecida ao centro intra-muros.

Com forma trapezoidal desenvolvida em pendente sobre o topo noroeste e os acessos situados nos cunhais, a praça é delimitada por três frentes de indiscutível interesse arquitectónico. Nestas, destaca-se a fachada 'iluminista' nascente - que, implantada sobre o tramo da muralha que demoliu, se contrapõe pela sua extensão e regularidade compositiva, à variedade formal das outras fachadas - e a igreja de S. Pedro (enquanto peça singular, pelo uso, escala e arquitectura), integrada na fachada oposta.

Esta *geologia* não remete, porém, para uma leitura axializada a partir de um centro, o qual, *inventado* por uma composição de finais de XIX tornou obsoleto o chafariz<sup>2</sup> que ao longo de três séculos tinha nobilitado a praça; expulsando-o do seu seio, convocou – num gesto funcionalista próprio à época - um ordenamento que dedicou espaços exclusivos ao trânsito viário e ao peão.





Fig.2 – Vista do topo Sul do Touroal em meados do séc XIX, com chafariz quinhentista (apeado em 1873) e Igreja de S. Sebastião, demolida em 1892. Gravura publicada em 1864 na Revista Archivo Pittoresco

E, assim, o protagonismo até então exclusivo do chafariz e das frontarias limítrofes foi disputado pelos arranjos sucessivos da plataforma central, assumida como *jardim* cujo desenho também se foi adaptando ao correr das exigências e das modas urbanas:

Ocupada inicialmente por um arranjo com características românticas – dispendo de grades, coreto, lago e vegetação exótica, um exemplar local do “jardim biscoito” que tanto sucesso recolhia à época – essa plataforma foi objecto de múltiplas rectificações, sempre veementemente discutidas pelos vimeirenseiros. Mas foi na segunda década do século XX que o Touroal adquiriu uma configuração muito próxima da que chegou aos nossos dias, deslocando-se a atenção do tema vegetal para o pétreo. A sua vocação como praça foi assumida de forma clara e o novo pavimento em quartzo e basalto, com um desenho fortemente decorativo, fixou a recente centralidade espacial, a qual foi ainda vincada mais tarde, nos anos 50, com uma *fonte monumental*. Incorporando *parterres* também eles muito delineados, essa placa central encontrava-se rodeada por elementos vegetais de pequeno porte que não só não conseguiram conferir carácter arbóreo à praça como esbateram a percepção das edificações que a conformam.



Fig.3 – Vista aérea do Toural, antes da intervenção

Ao seu forte sentido de representação enquanto espaço de acolhimento da cidade, o Toural alia um vivo e apreciado carácter de estar, revelando-se um sítio muito procurado em épocas amenas do ano. Esta variabilidade na sua ocupação parece resultar num enriquecimento efectivo das suas possibilidades de leitura múltipla, enquanto praça *aberta* a quem chega, albergue de grandes manifestações colectivas, espaço de passagem em alturas de agressividade ambiental e zona de estar em partes consideráveis do ano.

No desígnio de atribuir inquestionável contemporaneidade à praça e de realçar aspectos relevantes da sua sedimentação histórica, o projecto de arquitectura pretende retomar o Toural como uma praça contínua, com leitura desimpedida de fachada a fachada e sem obstáculos ao nível do pavimento. Não intervindo sobre as fachadas que moldam a praça, o projecto deseja no entanto redefinir a percepção da sua estrutura compositiva, anulando a marcação do actual centro geométrico e valorizando a percepção do longo e regular plano da fachada 'pombalina', assim como a frontaria de S. Pedro - dois elementos que, no seu confronto, de alguma forma equilibram o desenho não regular da praça.

Esta intenção é reforçada pela criação de um remate arbóreo no topo sul, limite esse que criará uma zona de sombra sobre o conspícuo chafariz quinhentista, agora regressado ao seu local de origem. À vontade de expressar no Toural a memória da sua *longue durée* através da recuperação de uma peça secular que para aí foi concebida e executada, associa-se a confirmação do tempo que vivemos, ultrapassando qualquer pretensa leitura nostálgica de falsificada recriação: o *chão* da área central da praça manter-se-á, como ao longo dos séculos se tem verificado, a superfície que acolhe a inscrição da modernidade – e que neste caso se afirmará através do projecto de arte pública concebido pela pintora Ana Jotta.

A arquitectura solicitou ao projecto artístico que considerasse os limites e a topografia previstos para a placa central e a reutilização, no pavimento, da actual calçada em basalto e quartzo, de corte irregular e superfície luminosa. Este programa originou uma proposta que reproduz a planta de um sector da área central da cidade através de linhas desenhadas com uma fiada de calçada em basalto; mas o desenho só será perceptível, enquanto planta, de cotas elevadas dos edifícios envolventes – a partir do chão, ele é visto como uma composição abstracta cujo significado geral não se apreende, mas que se poderá construir através de *interpretações* segmentárias. Constitui-se, também, como um grafismo que permitirá no futuro intervenções de índole diversa na superfície, facto que lhe atribui uma disponibilidade à circunstância efémera verdadeiramente interessante do ponto de vista da apropriação cidadina do espaço público.

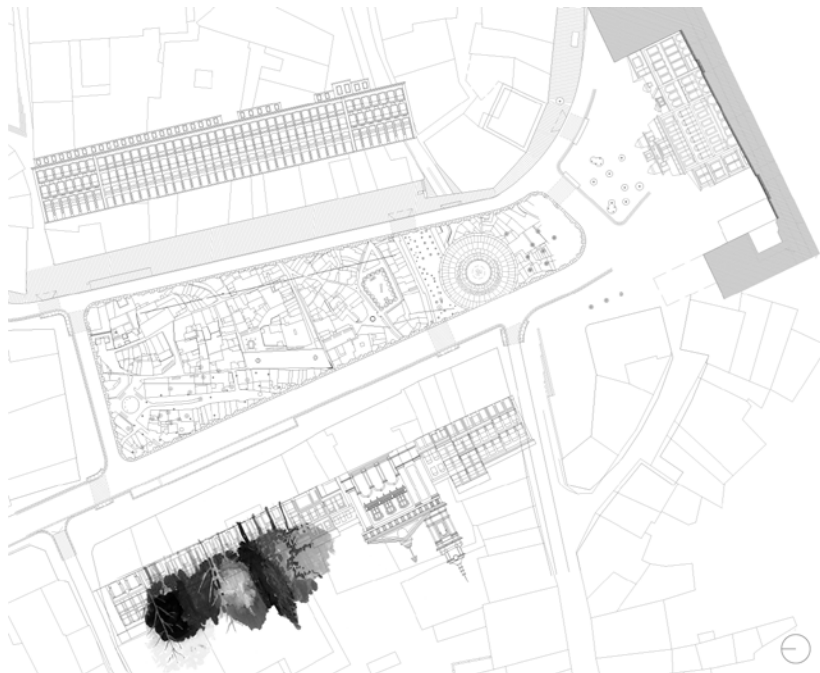


Fig.4 – Praça do Toural, planta do projecto, com alçados e imagem do arboreto.

A intervenção de arte urbana inclui ainda um *varandim* em ferro forjado folheado a folha de ouro falso e com cerca de 62 metros de comprimento, que percorrerá o sector nascente da plataforma. Peça eminentemente artística, que re-significa a multitude de varandas que se abre sobre o centro da cidade, constituirá um importante e incomum suporte ao *estar* na praça, o qual será apoiado pela recolocação dos bancos anteriormente existentes.

Prevê-se também, no limite noroeste da plataforma, um conjunto de árvores (cuja definição ficou a cargo do projecto artístico em articulação com a arquitectura paisagista) que encerrará a exagerada perspectiva que actualmente se abre nesse enfiamento do Toural. Este *arboreto*, plantado sem caldeiras aparentes – facto que permitirá, com o tempo, que as raízes se venham a *inscrever* no pavimento - contribuirá para enquadrar a leitura da igreja de S. Pedro para aqueles que acedem ao Toural a partir do seu cunhal

norte e, muito particular e subtilmente, para *recuperar* o sentido memorial do percurso realizado por D. João I, em finais do século XIV, em direcção à Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

## A Rua



Fig.5 – Rua de Santo António, sector da fachada Oeste.

Envolvida por um interessante legado arquitectónico e com início no limite norte do Toural, a Rua de Santo António, de conformação tardomedieval, é uma das artérias da cidade com maior intensidade comercial, sendo talvez o traçado da rua - que acompanha a implantação da muralha - o elemento que mais carácter confere ao arruamento.

A intervenção procurou redefinir o seu perfil transversal, privilegiando a área destinada ao peão através da conquista de espaço ao sistema rodoviário, que se pretendeu condicionado por um dimensionamento muito estrito. Este reperfilamento deu origem a um sensível alargamento dos passeios<sup>3</sup>, facto de particular importância para os estabelecimentos que acompanham a rua em toda a sua extensão e que sobre ela se abrem através de grandes montras. Por outro lado, a segurança pedonal aumentou, uma vez que os automóveis se viram constrangidos a reduzir a velocidade a que se deslocavam habitualmente.

Dar legibilidade à condição da Rua de Santo António enquanto espaço-canal integrante do anel que envolve a muralha – a qual, percorrendo o interior da massa edificada que ladeia a rua a nascente, não é visível - foi também um dos objectivos do desenho. Nesse sentido, o passeio respectivo foi executado com o mesmo tipo de lajeado de granito que percorre todo o trajecto envolvente da muralha na área de intervenção, dando continuidade ao similar previsto para a Praça do Toural e Alameda de S. Dâmaso; o passeio oposto, mantendo o critério de articulação com as áreas com que contacta, será revestido a calçada de calcário. A assimetria entre o tratamento destas duas superfícies evidencia a importância e o

significado da muralha - abstractamente *figurada* no pavimento - na morfologia e na história urbana da cidade.

### O Bosque

Na medida que o Tournal sedimentou a sua identidade como *praça urbana*, a vocação de *passeio público* centrou-se na área da Alameda de S. Dâmaso, desenhada e construída em meados do século passado, sob o signo de uma urbanidade em que o trânsito rodoviário e a salubridade se mostravam conceitos essenciais à cidade coeva.

Resultante de consideráveis demolições realizadas ao longo dos séculos XIX e XX, esta *mancha verde* alberga um espaço importante de estar, cuja topografia resolve o acentuado desnível entre o centro histórico e a zona localizada à cota baixa do centro da cidade, em torno da Ribeira de Couros (uma área actualmente sujeita, também, a um importante projecto de requalificação urbanística). Dividida em três sectores separados por arruamentos, profusamente arborizada e ladeada por vegetação arbustiva, que condicionava visibilidade e acessos, a Alameda constituía um espaço confinado em relação à envolvente e não favorecia a permeabilidade entre as suas margens.

Associada ao desejo de *abrir* a Alameda a novos utilizadores, a atribuição de um elevado nível de *porosidade* – porosidade física e porosidade visual - a esse espaço, conduziu o desenho da ciposta e a reconfiguração do seu conceito espacial.



Fig.6 – Alameda de S. Dâmaso (antes da intervenção).

Transformar a *Alameda* num *Bosque*<sup>4</sup> significou tornar o seu espaço acessível periféricamente - desmantelando obstáculos e axialidades - e adoptar uma organização *informal* do *chão*, libertando-o do *ruído* originado pelo excesso de pequenos arbustos disseminados pelos canteiros.

Propôs-se assim (re)inventar a topografia no sentido de uma modelação mais naturalizada (em oposição aos rígidos planos e caminhos existentes) e a plantação de um número muito considerável de novas árvores que, densificando o filtro vegetal sem anular a visibilidade nem o sentido de percurso longitudinal, *perturbassem* os alinhamentos arbóreos e abrissem o espaço à deambulação errática. A distribuição do mobiliário urbano corrobora esta proposta, organizando formas de estar que, mais ou menos expostas, sugerem níveis diferenciados de socialização.

Esta nova espacialidade pretende, no entanto, assegurar continuidades e manter alguns dos seus anteriores referenciais; nesse sentido renovou-se o coreto e localizou-se no topo nascente uma das belas fontes que aqui já se encontravam, o 'Faunito', em posição que assegura uma cumplicidade discreta, mas inquestionável, com o seu par 'Maria da Graça'.

Como suporte a esta ocupação *aberta*, o pavimento (a executar em material permeável, cómodo para o andar e para o estar), será desenhado apenas através do seu esquartelamento e do recorte correspondente às caldeiras das árvores, não apresentando obstáculos ao utilizador. Caminhar, estar, descansar, jogar, passear - o *bosque* deseja-se como um moderno *passeio público*, um fragmento da *natureza* urbana embebido de gerações e gentes de origens diversas.

## O Terreiro

Localizado no lado sul da Alameda de S. Dâmaso e implantado a um nível claramente inferior, o Convento de S. Francisco<sup>5</sup> materializa um processo edificatório que ocorreu entre os séculos XIV e XVIII. Apresentando-se como um valioso conjunto patrimonial oferece à cidade quer a sua igreja, com uma cabeceira que possui um valor único na compreensão da arquitectura gótica mendicante em Guimarães, quer - contrastando vivamente com a secura da construção tardo-medieval - o risco barroco do corpo

azulejado do antigo hospital e a exuberante fachada rococó da capela.



Fig.7 – Frente do Convento de S. Francisco (antes da intervenção).

Apesar de ser considerado um dos edifícios monacais de maior importância na urbe nunca dispôs, ao longo da sua secular existência, de um espaço fronteiro de representação que fizesse justiça à sua importância e valia arquitectónica. Ao repensar a frente urbana do Convento de S. Francisco no sentido da sua nobilitação, o Projecto ambicionou materializar um espaço que se constituísse como o seu *terreiro*, estabelecendo um *chão* adequado à eloquente retórica que o edifício exprime.

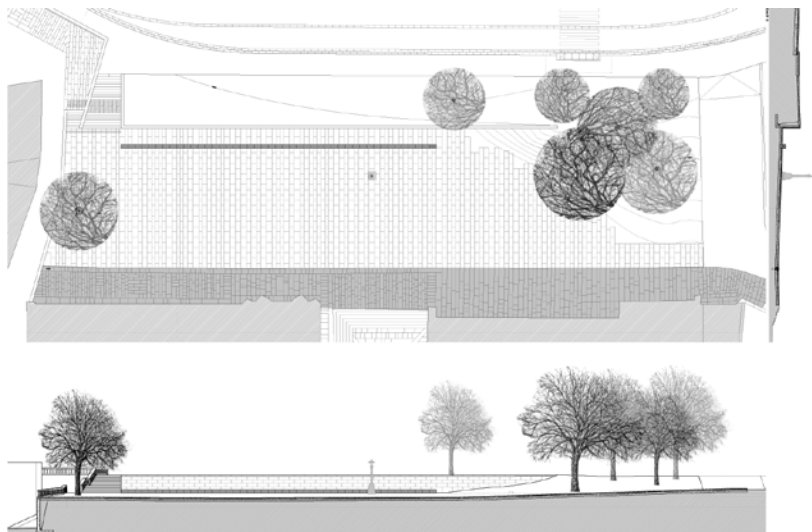


Fig.8 – Terreiro de S. Francisco, planta e corte do projecto.



Assim, num gesto que pretende atribuir um novo significado urbano ao conjunto franciscano, uma extensa superfície lajeada a granito - que encontrou a sua métrica na irregularidade das pré-existências - estender-se-á ao longo do convento, capela e dependências da homónima Venerável Ordem Terceira.

Este terreiro *ex novo*, seco e *grave*, acolherá dois objectos autónomos que também eles, por oposição, se complementam e reforçam: o cruzeiro datado de 1593, que manterá a posição em que se encontrava já implantado, assinalando a reentrância do adro que prolonga o corpo da igreja, e um banco agora desenhado que, corrido em toda a extensão do terreiro - uma *linha*, em mármore lioz, recortada contra o granito que a envolve - na sua horizontalidade sublinha o esforço vertical da peça quinhentista.

Materializando a abertura de novas ligações pedonais entre a cidade alta e a zona de Couros, propõe-se no topo sudoeste do terreiro a abertura de uma escada que articula três níveis: Couros, S. Francisco e Alameda. Discretamente implantada, revelará no entanto singulares enfiamentos ao facultar, a partir do passeio da Alameda, uma abertura visual sobre o interior da zona de Couros e, no sentido inverso, uma nova leitura da fachada do corpo barroco.

### Δ

É muito proeminente, pois, o valor em termos de património arquitectónico e imaterial que toda a área intervencionada alberga e que o Projecto pretendeu salvaguardar, na sua procura de coerências outras que, solicitadas pela condição urbana actual, re-significassem as particularidades notáveis dos espaços sobre que procedeu. Fundamentando o seu propósito de contemporaneidade em argumentos de ordem simbólica, de uso e espaciais, o desenho arquitectónico ensaiou, face à pré-existência, sugerir novas formas de apropriação do espaço público, ampliar o papel da *natureza* na cidade, encontrar espacialidades partilháveis por uma sociedade progressivamente multicultural.

Comprometido com o reconhecimento crítico do lugar e com o favorecimento de usos que compatibilizem a sua condição de espaço citadino quotidiano com a de recepção, intensa, de visitantes, o Projecto de Requalificação Urbanística da Praça do

Toural, Alameda de S. Dâmaso e Rua de Santo António ambiciona, ainda, o célere absorvimento da sua proposta transformadora - propósito último do projecto de arquitectura – no contexto espacial altamente qualificado do centro da cidade de Guimarães.

#### Notas:

<sup>1</sup> A muralha, definida na sua planta e perfil a partir de finais do século XIV, é um elemento desde sempre presente na configuração da cidade e tema transversal decisivo à espacialidade de toda esta área, da sua génese aos nossos dias. Elemento identitário profundamente incorporado na memória colectiva vimaranense, o propósito de *iluminar* essa presença – através, nomeadamente, do desenho do passeio que acompanha a sua implantação - foi um dos objectivos do projecto.

<sup>2</sup> O chafariz do Toural foi executado em 1583 por Gonçalo Lopes, membro de uma família de mestres que actuou entre os séculos XVI e XVII no Norte de Portugal e na Galiza. Tratava-se de uma peça de granito composta por três taças escalonadas, encimadas por esfera de bronze dourada, e seis bicas, encontrando-se rodeada por um banco corrido ao qual, eventualmente, se encostava um pequeno tanque para bebedouro. Este chafariz para o Toural enraíza-se numa tradição de fontanários de um classicismo mais erudito, cujo primeiro exemplar foi erguido por João Lopes-o-Velho em Viana do Castelo, numa tipologia em tudo idêntica à utilizada por seu filho, João Lopes-o-Moço, em Ponte de Lima.

<sup>3</sup> No limite norte da rua, que conta com um perfil transversal substancialmente mais generoso que na restante via, previu-se, no passeio frontal aos abrigos de transporte público, um alinhamento de árvores que não só controla a excessiva abertura visual deste topo, como possibilita a criação de uma pequena área de estar.

<sup>4</sup> *Alameda*: lugar/caminho para passeio constituído por alinhamentos de árvores; *Bosque*: espaço arborizado que se percorre em todas as direcções, por entre troncos dispostos de forma aparentemente aleatória.

<sup>5</sup> Templo dos finais do século XIII, edificado originalmente junto à muralha do burgo medieval, foi deslocado por ordem real na centúria seguinte, tendo em vista o desatracamento da muralha. Devido às pendentes acentuadas da zona, a nova implantação do convento de S. Francisco não foi acompanhada pela criação de um terreiro adjacente.

#### Bibliografia

CALDAS, António J. Ferreira - *Guimarães: Apontamentos para a sua História*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 1996.

CHOAY, Françoise - *A alegoria do património*. Lisboa: Ed. 70, 1982 [2000].

CORREIA, Jorge – *Relatório – Especialidade: História da Arquitectura e da Cidade; Projecto de Requalificação Urbanística da Praça do Toural, Alameda de S. Dâmaso e Rua de Santo António*. Guimarães: Centro de Estudos da EAUM 2009.

FERRÃO, Bernardo; AFONSO, José Ferrão - "A evolução urbana de Guimarães e a criação do seu Património" in *Guimarães: Património Cultural da Humanidade*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2002.

FERREIRA, Maria da Conceição Falcão - *Uma Rua de Elite na Guimarães Medieval: 1376/1520*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 1989.

VOGT, Gunther – "Between search and research", in *Vogt Landscape Architects, distance and engagement*. Switzerland: Lars Müller Publishers, 2010.

CARRERA, Judit, dir. - *In Favour of Public Space*. Barcelona: CCCA, Actar, (2010).

RIBEIRO, Maria Teresa Moreira - *Espaços contíguos à Muralha de Guimarães. Largo do Toural, Largo 25 de Abril, Alameda de S. Dâmaso*. Porto: Prova Final para Licenciatura em Arquitectura, FAUP, 2007.

ROSSI, Aldo - *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1966 [1977].

TEIXEIRA, José Fernando - *Histórias à volta do Toural*. Guimarães: Estudos de história local III. Guimarães, 2008.

WEBER, Max - *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Berkeley: University of California Press, 1921[1978].

url: [Araduca.blogspot.com](http://Araduca.blogspot.com)

---